

A REFORMA PSIQUIÁTRICA EM CAMPINA GRANDE: UM ESTUDO A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS PROFISSIONAIS DO CAPSI - CENTRO CAMPINENSE DE INTERVENÇÃO PRECOCE

Lucia Maria Patriota, Euclenes Felinto Medeiros, Mayara Thais Marques Andrade

Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Serviço Social, Rua Antonio Guedes, s/n, Catolé.

Resumo - A Reforma Psiquiátrica configura-se em um processo permanente de construção, de reflexões e transformações que ocorrem a um só tempo em diferentes campos: teórico, técnico, político e sócio-cultural. No Brasil, a crítica ao modelo hospitalocêntrico teve seu início efetivo no ano de 1978, com o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), movimento heterogêneo, formado por diferentes categorias de profissionais e por pessoas com histórico de longas internações em hospitais psiquiátricos e seus familiares. A presente pesquisa teve por objetivo analisar como os profissionais do CAPSi - Centro Campinense de Intervenção Precoce de Campina Grande/PB percebem a Reforma Psiquiátrica e se a mesma tem produzido mudanças no modelo de atenção a Saúde Mental em Campina Grande. Compreendeu um estudo exploratório com abordagem qualitativa. A amostra da pesquisa foi composta por 8 profissionais escolhidos aleatoriamente. A partir dos dados obtidos identificamos que os profissionais percebem a Reforma Psiquiátrica como um movimento de mudança e humanização,

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica, CAPSi, Profissionais

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

A Reforma Psiquiátrica configura-se como um processo permanente de construção, de reflexões e transformações que, conforme Amarante (2007), ocorrem a um só tempo nos diferentes campos, quais sejam: no campo teórico-conceitual – a partir da desinstitucionalização dos saberes e visão epistemológica; no campo técnico-assistencial – através da reestruturação de modelos assistenciais; no campo político-jurídico - por meio de reformulação dos códigos Civil e Penal e da legislação sanitária; e no campo sócio-cultural - por meio de mudanças nas representações sociais e no imaginário social quanto a loucura, a doença mental e ao comportamento desviante.

A Reforma Psiquiátrica no Brasil constitui-se em um processo com características locais, envolvendo lutas sociais pela transformação no modo de se conceber a loucura e na maneira de se lidar com o dito louco. Nesse processo há um permanente jogo de forças que envolvem saberes e poderes presentes na sociedade.

Como aponta Silva (2007), a atenção dada à saúde mental em Campina Grande seguiu o mesmo modelo do resto do país, baseando-se na tradição hospitalocêntrica na qual prevalece o isolamento, o tratamento moral e disciplinador.

Mas, conforme registros do Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), apesar dos entraves e dificuldades, Campina Grande dá exemplo de que é possível mudar as práticas relativas à saúde mental investindo-se numa rede de atenção que

tem por princípio o respeito ao usuário, garantindo-lhe o pleno exercício de seus direitos.

Diante dessa realidade, a presente pesquisa teve por objetivo analisar como os profissionais do CAPSi (Centro Campinense de Intervenção Precoce) de Campina Grande/PB percebem a Reforma Psiquiátrica e se a mesma tem produzido mudanças no modelo de atenção a Saúde Mental em Campina Grande.

O interesse por essa questão surgiu a partir da inserção no campo de estágio, onde se pode conhecer as ações cotidianas e as singularidades do serviço. Outro fator relevante do nosso interesse vem da experiência pessoal de atuação de um ano num hospital psiquiátrico o que propiciou o conhecimento da realidade concreta do modelo manicomial. A afinidade com a área de Saúde Mental e o conhecimento adquirido com a atuação nas duas realidades despertou o empenho para analisar essa temática.

Metodologia

A pesquisa foi do tipo exploratória com abordagem qualitativa. Realizou-se no CAPSi - Centro Campinense de Intervenção Precoce de Campina Grande - PB, no período de outubro a novembro de 2009. Os sujeitos da pesquisa foram os profissionais do serviço que dispõe de sete categorias diferentes (Psicologia, Fonoaudiologia, Pedagogia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Serviço Social, Enfermagem), sorteados aleatoriamente. Para coleta de dados utilizou-se

uma entrevista semi estruturada que foram posteriormente submetidos à análise de conteúdo.

Cabe destacar que a pesquisa obedece a Resolução 196/96, preconizada pelo Conselho Nacional de Saúde, referente à garantia aos entrevistados do total sigilo das informações prestadas e do anonimato.

Resultados

A Reforma Psiquiátrica configura-se em um processo permanente de construção, de reflexões e transformações que ocorrem a um só tempo em diferentes campos. Nesse sentido, transformam-se os serviços, os dispositivos, os espaços, as relações das pessoas envolvidas nesse processo.

Na presente pesquisa, identificamos que alguns profissionais entrevistados percebem a Reforma Psiquiátrica como um movimento de humanização através do qual o indivíduo portador de transtorno mental torna-se sujeito e não objeto de saber como evidenciam as falas a seguir:

Eu entendo que a Reforma veio exatamente para humanizar o tratamento do paciente que tem transtorno mental. (pausa). É um olhar diferente pras essas pessoas, é enxergar essas pessoas como sujeitos [...] (Entrevistado 1)

Então (pausa breve) é uma forma de tornar mais humano o tratamento dos portadores de transtorno mental, um processo onde o portador de transtorno mental passa a ser tratado de maneira diferente, de forma mais humana [...]. Agora a gente tem um novo olhar pra pessoa com transtorno mental (Entrevistado 3)

Outros entendem a Reforma Psiquiátrica como um movimento de mudança associando-a as transformações das práticas psiquiátricas clássicas:

[...] o que eu vejo é que antigamente, não muito antigamente, não havia a tentativa de resgatar nada, era só tipo cronificar. É o que eu vejo né? Que antes era assim só cronificar. Era mais ou menos assim: Já diagnosticou que ele tem tal patologia, então toma tal medicamento e pronto! Mas agora não! A gente tem mesmo uma mudança, acho que essa é a palavra que define bem: Mudança! (Entrevistado 5)

As novas práticas promovidas no contexto da Reforma Psiquiátrica levam, em consideração que as intervenções da psiquiatria clássica reduzem o sujeito aos sintomas e diagnósticos, deixando de lado outras características da pessoa. Nesse sentido, com o movimento de reforma, as preocupações com a doença mental entendida apenas como patologia são relativizadas.

Evidenciou-se em algumas falas uma tendência à associação da Reforma Psiquiátrica apenas com a transformação do modelo assistencial:

Eu entendo que é essa retirada do portador de transtorno mental do manicômio né? (Entrevistado 4)

[...] é a saída daquele mundo hospitalocêntrico [...] (Entrevistado 2)

Embora tenha em sua origem um questionamento ao hospital psiquiátrico, visto que este é o principal dispositivo historicamente construído pela sociedade para se relacionar com a loucura, a Reforma Psiquiátrica não se limita a problematizar apenas os modos de atendimento dessa instituição, busca ir além, saindo dos espaços institucionais para implicar outras dimensões que dizem respeito à loucura

A Reforma Psiquiátrica é um movimento dinâmico, plural, articulado por várias dimensões. Desta forma, é antes de qualquer coisa, um processo em construção permanente, isto é, algo que não é estático. Um dos depoimentos dos profissionais entrevistados revela essa percepção:

[...] é um movimento mesmo, e é um movimento que num pode parar, por que se a gente parar num tem mais progresso, acho que é por isso que a gente tem o nome Reforma Psiquiátrica (entonação da voz) e não mudança psiquiátrica (entonação da voz). Por que mudar é daqui pra li né? Agora reformar é um processo né? É um movimento de mudança. (Entrevistado 6).

Sem dúvidas, a Reforma Psiquiátrica é uma realidade posta e repleta de demandas e exigências a serem alcançadas. Nesse sentido imaginar um tempo específico e delimitado para tal construção seria no mínimo ingênuo, pois é no embate do cotidiano que a Reforma Psiquiátrica se configura.

Todos os entrevistados avaliam de forma positiva a saúde mental em Campina Grande, enfatizando a instalação dos modelos substitutivos:

Olha eu acho que é uma rede que tem uma boa estrutura né? Então a gente tem sete CAPS, uma emergência psiquiátrica, residências terapêuticas, centros de convivência, então assim, tem uma boa estrutura e dá pra realmente substituir o tratamento feito no hospital pela estrutura que se tem sendo que com outro direcionamento. (Entrevistado 5)

[...] a gente tem todos os tipos de CAPS, Campina tá bem servida e eu vejo isso como algo bem significativo e contributivo pro progresso na saúde mental. (Entrevistado 2)

Eu acho que a saúde mental em Campina Grande é excelente. A gente tem todos os tipos de CAPS, tem as residências terapêuticas, tem a emergência [...] (Entrevistado 5)

Conforme registra o Ministério da Saúde (BRASIL, 2005), Campina Grande dá exemplo de mudança na área de saúde mental, pois a cidade é referência no processo de desinstitucionalização e investimento numa rede diversificada de serviços.

Os sujeitos pesquisados apontam como principais mudanças no modelo de atenção à saúde mental em Campina Grande a redução dos leitos e a instalação de uma rede de modelos substitutivos, como mostram as seguintes falas:

[...] o que eu posso perceber é que tivemos muitos ganhos principalmente pela redução dos leitos psiquiátricos e até mesmo a extinção de um hospital [...] (Entrevistado 7)

A gente tem a diminuição das internações né? Isso é uma coisa positiva. E agora a gente tem também vários serviços de saúde mental, antes a gente tinha só o hospital mesmo. (Entrevistado 3)

Cirilo; Oliveira Filho (2010) registram que a efetivação da Reforma Psiquiátrica em Campina Grande foi impulsionada pelo processo de intervenção em um dos hospitais psiquiátricos do município, concomitante a implantação de uma rede de serviços substitutivos de saúde mental. A partir desse processo, o município avançou e viabilizou novas formas de acolher e cuidar do

portador de transtorno mental, contrapondo-se aos princípios impostos pela prática segregadora da hospitalização psiquiátrica.

Discussão

A partir dos dados obtidos identificamos que os profissionais percebem a Reforma Psiquiátrica como um movimento de mudança e humanização, onde ocorre uma transformação das práticas psiquiátricas clássicas.

As entrevistas também revelaram - ainda que de forma pontual - uma tendência à associação da Reforma Psiquiátrica apenas com a transformação do modelo assistencial, onde ocorre a substituição do atendimento centrado na hospitalização.

Estes dados são reveladores de que é necessário refletir sobre as dimensões da Reforma Psiquiátrica que incide a um só tempo em diferentes campos, e não só apenas na transformação do modelo assistencial. Assim, constatamos a necessidade de ampliar-se e investir-se no conhecimento de todas as dimensões da Reforma Psiquiátrica.

Conclusão

A Reforma Psiquiátrica constitui-se em um processo contínuo e em permanente construção, sendo um grande desafio estabelecer rupturas nas questões conceituais e práticas que envolvem os profissionais dos novos serviços de atenção à saúde mental.

Para que seja efetivada a mudança paradigmática e não apenas a reformulação de serviços se faz necessário o entendimento da Reforma Psiquiátrica em todas as suas dimensões e a atuação dos profissionais na perspectiva da desinstitucionalização.

Isso implica na necessidade de um processo de transformação da atuação profissional, com ênfase em medidas de promoção, prevenção e reabilitação

Referências

AMARANTE, P. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

CIRILO, L. S.; OLIVEIRA FILHO, P. Da desativação de leitos psiquiátricos à construção de uma rede substitutiva: a Reforma Psiquiátrica em Campina Grande/PB. In: **Saúde em Debate**, v. 34, n. 84, jan/mar 2010.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **História da loucura: na idade clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SILVA, F.V. **Saúde mental, família e direitos sociais: Intervenção no grupo de família no CAPS III – reviver na cidade de Campina Grande** – PB.70f. Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em serviço social) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2007.